

OS MÉTODOS DE PAULO FREIRE E NISE DA SILVEIRA: CONTRIBUIÇÕES AO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL

Graziela Scheffer¹

Andressa Moura Santos²

Domênica Borges Silva³

Resumo

O artigo é fruto de estudo exploratório pautado em obras, entrevistas e documentários acerca de Nise da Silveira e Paulo Freire, bem como, literatura pertinente a temática do Serviço Social na interface com a educação popular e arte. O objetivo geral é apresentar o pensamento teórico-prático dos autores com ênfase nos métodos na interlocução com o projeto ético-político profissional, buscando dar visibilidade às contribuições na atualidade.

Palavras chaves: Paulo Freire, Nise da Silveira, projeto ético-político, Serviço Social.

THE METHODS OF PAULO FREIRE AND NISE DA SILVEIRA: CONTRIBUTIONS TO THE ETHICAL-POLITICAL PROJECT OF SOCIAL WORK

Abstract

The article is the result of an exploratory study based on interviews and documentaries about Nise da Silveira and Paulo Freire, as well as relevant literature about them and about Social Work in the interface with popular education and art. The general objective is to present the theoretical-practical thinking of the authors with an emphasis on methods of dialogue with a professional ethical-political project, in order to give visibility to current contributions.

Keywords: Paulo freire, Nise da Silveira, ethical-political project, Social Work

¹ Graziela Scheffer- Especialista em Saúde Mental Coletiva (ESP/RS), Doutora em Política Social e Serviço Social (UFRJ), Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social (UERJ), Pesquisadora do Centro de Estudos Octavio Ianni (UERJ), graziela.uerj@gmail.com.

² Andressa Moura Santos, graduanda do curso de Serviço Social (UERJ), estagiária do Centro de Atenção Psicossocial-UERJ, andressaciug@gmail.com

³ Domênica Borges Silva, graduada em Serviço Social (UERJ), silvatrabcinco@gmail.com

LOS MÉTODOS DE PAULO FREIRE Y NISE DA SILVEIRA: CONTRIBUCIONES AL PROYECTO ÉTICO-POLÍTICO DE TRABAJO SOCIAL

Resumen

El artículo es el resultado de um estudio exploratório basado em trabajos, entrevistas y documentales sobre Nise da Silveira y Paulo Freire, así como literatura relevante sobre el tema Del Trabajo Social em La interfaz com La educación popular y el arte. El objetivo general es presentar El pensamiento teórico y práctico de los autores conén fasisenlos métodos em el diálogo com El proyecto ético-político profesional, buscando dar visibilidad a los aportes hoy.

Palabras clave: Paulo freire, Nise da Silveira, proyecto ético-político, Trabajo Social.

Introdução

O artigo trata da produção teórico-prática da psiquiatra alagoana Nise da Silveira e do educador pernambucano Paulo Freire acerca de seus métodos em interlocução com o projeto ético-político do Serviço Social. Entendemos que abordar as experiências teórico-práticas desses autores nordestinos nos permite refletir sobre as mediações interdisciplinares e sobre a materialidade do projeto ético-político no cotidiano do exercício profissional do Serviço Social. Comprendemos que,

Os projetos profissionais apresentam a auto-imagem de uma profissão, elegend os valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, práticos e institucionais) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as bases das suas relações com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais privadas e públicas (inclusive o Estado, a que cabe o reconhecimento jurídico dos estatutos profissionais). (NETTO, p.4, 2021).

Temos como pressuposto que os métodos de Paulo Freire e Nise da Silveira têm aproximações e contribuições ao projeto ético-político do Serviço Social, pois estão alinhados aos princípios que orientam o trabalho profissional, como: liberdade enquanto valor central; a defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo e a busca por ampliação e consolidação da cidadania na garantia dos direitos civis, sociais e políticos da classe

trabalhadora; a procura por aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza produzida; a eliminação de todas as formas de preconceito, o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; a colaboração para a construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero; a garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas. (CFESS, 1996).

É importante salientar que o projeto profissional do Serviço Social se encontra numa encruzilhada a ofensiva ultra neoliberal no Brasil, manifestada nos desmontes dos direitos sociais, na privatização do Estado, na precarização das políticas sociais, alicerçada numa política macroeconômica que ataca os setores mais pauperizados da classe trabalhadora.

Contudo, é nesse contexto adverso dos ataques ultraconservadores da Escola sem Partido⁴ e das Comunidades Terapêuticas⁵, que se torna fundamental travar uma batalha ética, teórica, ideológica, política e prática contra essa distopia ultra neoliberal, no sentido de preservar e atualizar os valores do projeto profissional, que informa e torna-se solidário ao projeto de sociedade que interessa à massa da população brasileira.

O estudo exploratório tem como fontes as obras: *Imagens do Inconsciente*, *Educação como prática de liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*; documentários e entrevistas; a produção sobre essa temática no Serviço Social.

1. Nise da Silveira e Paulo Freire: perspectivas revolucionárias, similitudes e diferenças.

⁴ A Escola Sem Partido surge como uma resposta conservadora a uma educação que caminha a passos lentos para uma direção progressista, vide alguns avanços na legislação educacional como, por exemplo, a Lei 10.639, que traz a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira e indígena de modo transversal permeando todas as disciplinas, assim como os debates de gênero e sexualidade que vinham ganhando força no âmbito escolar. E é justamente das discussões sobre gênero que surge a maior reação dos grupos conservadores, que justificam a necessidade da Escola Sem Partido para lutar contra a dita Ideologia de Gênero que ganha fôlego no governo de Jair Bolsonaro.

⁵ As comunidades terapêuticas são estabelecimentos religiosos para tratamento de dependentes químicos, marcadas pelo isolamento, rotina de atividades de oração e trabalho, grande parte delas localizadas em fazendas distantes de áreas urbanas. Muitos desses estabelecimentos foram denunciados por práticas de torturas e maus tratos.

Doutora Nise da Silveira foi uma das primeiras mulheres médicas no país e pioneira da Reforma Psiquiátrica brasileira. Na Ditadura Vargas, foi presa acusada de leituras comunistas. Ao retornar ao serviço público do Hospital Dom Pedro II, no processo de democratização do país, se opôs às práticas violentas e desumanizadoras dos hospitais psiquiátricos da época, o que a levou a criar o Setor de Terapia Ocupacional e Reabilitação (STOR), introduzindo recursos artísticos de livre expressão no cuidado às pessoas com transtorno mental severo. Em 1952 fundou o Museu do Inconsciente, onde desenvolveu estudos e pesquisas a partir das experiências desenvolvidas no Setor de Terapia Ocupacional.

O Museu das Imagens do Inconsciente agrega além do valor científico acerca da pesquisa no mundo interno dos sujeitos diagnosticados psicóticos, carrega em si uma dimensão política que foi demonstrar que por trás da aparência de pacientes rotulados como embotados emocionalmente e de pobres esfarrapados, existia uma força criativa e curativa que pulsava no mundo interno destas pessoas, bastando criar as condições ambientais e relacionais de um trabalho respeitoso, criativo, humanizado e personalizado para que elas pudessem se expressar. Já em 1956 criou juntamente com quatro colegas a Casa das Palmeiras, com objetivo de atender aos egressos do hospital, ofertando atividades expressivas em um ambiente de liberdade com portas e janelas abertas. Também constituiu o Grupo de Estudos de Jung em 1955, introduzindo o pensamento deste autor no país. Todo seu trabalho perpassava pela prática clínica, a pesquisa e o ensino (MELO & FERREIRA, 2013).

Paulo Freire, apesar de formar-se em direito, atuou pouco tempo como advogado. Em 1946 iniciou sua carreira no SESI no trabalho com classes populares, desenvolvendo pesquisas e trabalhos de educação de adultos. Em 1959, defendeu sua tese para inserção como docente na UFPE e assumiu a Coordenação de Extensão na universidade. Até a década de 60 a classe trabalhadora era, em sua maioria, analfabeta e a legislação eleitoral do período não admitia o voto de pessoas não alfabetizadas. Foi na alfabetização que se destacou o trabalho de Freire, que lutava para que a educação voltada à realidade das classes populares fosse ampliada, entendendo-a como instrumento de democratização brasileira por meio da inserção crítica dos sujeitos no processo

de desenvolvimento do país. Em 1962 tornou-se reconhecido nacionalmente pela experiência de alfabetização, em Angicos, de trabalhadores rurais em 40 horas. A partir de 1963, devido a bem-sucedida experiência de Angicos, adotam sua metodologia dos círculos de cultura popular como uma política nacional na erradicação do analfabetismo no país, experiência que foi interrompida pelo Golpe Civil Militar de 1964.

Os trabalhos de Nise da Silveira e Paulo Freire foram elaborados num contexto de redemocratização da sociedade brasileira e de acirramento da Guerra Fria. No Brasil de 1950-1964 havia uma ebulição cultural e política imbricadas nos debates sobre o papel da cultura⁶, consciência nacional, o papel da arte e da educação no processo de desalienação cultural enquanto estratégias de enfrentamento da inexperiência democrática e da condição de subdesenvolvimento do Brasil.

As construções teórico-filosóficas dos autores agregam rica abordagem interdisciplinar que articulam diferentes áreas de conhecimento, como filosofia, educação, psicologia, sociologia, artes, antropologia, história, psiquiatria, literatura, entre outras áreas. Ambos mantinham aproximações com a teoria marxista⁷, tema ao qual buscamos dar destaque no entendimento da dialética objetividade-subjetividade e identificar suas similaridades teórico-práticas.

Para Freire (1967, p.6), “a liberdade é concebida como o modo de ser o destino do Homem, mas por isto mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem”. Nos círculos de cultura há a premissa de assumir a liberdade e a crítica como características fundamentais do homem. Defende-se que o aprendizado só se concretiza no contexto livre e crítico das relações entre os educandos e educadores. A luta de Freire por uma educação libertadora, contrária a opressão, se dá na tentativa de superar o que o autor denomina de

⁶ Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, Centro de Cultura Popular da União Nacional dos Estudantes, o CPC da UNE, Movimento de Educação de Base, o MEB.

⁷ O trabalho de Silveira recebeu amplo apoio do crítico de arte e marxista Mario Pedrosa, que desenvolveu estudos da teoria da arte e da imagem, e publicou um texto sobre uma aplicação sistemática dos ensinamentos da Gestalt à arte (“Da natureza afetiva da forma na obra de arte”, de 1949). Pedrosa dedicou o ensino e a terapia através da arte, com ênfase nas relações entre arte, política e sociedade. (BARROS, 2008). Apesar de Paulo Freire utilizar diversas referências marxistas em suas obras, como podemos observar em “Pedagogia do oprimido”, neste trabalho focamos nos autores que têm vinculações com os debates acerca do tema da subjetividade.

inexperiência democrática, na qual ao longo da formação do Brasil não tivemos instrumentos necessários para que o povo participasse das decisões políticas, para que fizesse parte do processo de construção da sociedade brasileira. Trata-se de uma educação crítica e criticizadora, servindo como mecanismo para a promoção da ingenuidade à criticidade, possibilitando o caminho rumo à autonomia e liberdade dos educandos, para que consigam reconhecer a realidade de opressão na qual estão inseridos, a fim de que possam tomar parte da luta contra ela.

A liberdade na concepção de Silveira vincula-se simultaneamente a um princípio ético do método e a um recurso metodológico do trabalho terapêutico, portanto liberdade era em si terapêutica. Proporcionar ambiente livre e o reconhecimento dos oprimidos aparece estreitamente ligado à sua trajetória de vida, conforme seu depoimento: “Porque passei pela prisão, eu compreendo as pessoas e os animais que estão doentes, pobres, que sofrem. Eu me identifico com eles. Sinto-me um deles.” (SILVEIRA, s.d). Acreditava que “alguém que viveu um naufrágio, um incêndio, a prisão ou tortura não pode mais ser o mesmo indivíduo, sofre transformações. Imagine-se então quem passa pelas metamorfoses do ser, que são as chamadas doenças mentais”. (SILVEIRA, 1981 apud MAGALDI, 2018, p.128). A psiquiatra concebia o capitalismo na América Latina vinculado com a violência e repressão exercida pelo próprio Estado, conforme: [...] vejo o poder do sistema capitalista ainda muito forte e estreitamente ligado a violência. Basta citar os atos violentos utilizados pelos órgãos repressores do sistema contra os movimentos que se opõem ao seu domínio. Violências que atingem, sobretudo, a prática da tortura como método comum de atuação. (SILVEIRA, 2015, p.123).

Em sua elaboração identificam-se os debates do socialismo da época, nos quais a autora aponta que havia contradições intoleráveis na década de 1970 que provocavam respostas opostas entre si, que eram: 1) o socialismo utópico de Charles Fourier que orientava as ações do movimento hippie a partir da obra: O novo mundo amoroso, pelo qual o caminho ao socialismo era sentimental. 2) Socialistas e comunistas que apontavam um caminho norteado pela razão, pautado na construção de sociedade justa e planejada com bases científicas. Entretanto, nessa perspectiva do socialismo científico as manifestações do

sentimento seriam vistas como provas de fraqueza inadmissíveis ao revolucionário. Para Silveira (2019, p.124), “A revolução social em nível econômico era uma exigência evidente”. Contudo, as propostas apresentavam visões unilaterais, de que:

Uma saída, reunindo esses dois caminhos, foi apontada pelo herói da revolução cubana Che Guevara. Sem voltar a Fourier, nem envolver-se em indiferenciadas efusões afetivas Che Guevara “*Hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás*”. E em escritos políticos dirigidos aos jovens revolucionários lhes recomenda insistentemente o afinamento da sensibilidade. (ibidem).

Em síntese, a autora defende que é trabalhando razão e sensibilidade que os sujeitos poderão avançar para um novo tipo de sociedade que irá “substituir o atual modelo inumano de uma sociedade dividida em classes.” (ibidem).

Semelhantemente, Freire concebe a violência como elemento marcante na história dos países latino-americanos. Além disso, faz referência ao revolucionário cubano ao abordar a necessidade de revolução cultural como etapa necessária para consolidação da revolução socialista. Observemos abaixo:

É impressionante, do ponto vista que defendemos um trecho do relato em que Guevara se refere à sua presença, não apenas como guerrilheiro, mas como médico, numa comunidade em Serra Maestra, Ali (diz ele) começou a fazer-se carne em nós a consciência da necessidade de uma mudança definitiva da vida do povo. A ideia da reforma agrária se fez nítida e a comunhão com povo deixou de ser teoria para converter-se em parte definitiva de nosso ser. (FREIRE, 1987, p.105).

Para Freire, (1987, p. 56) “[...] a ‘revolução social’ é o máximo de esforço de conscientização possível que deve desenvolver o poder revolucionário, com o qual atinja a todos, não importa qual seja a sua tarefa a cumprir.” A tomada de poder pura e simplesmente não irá transformar a sociedade, ela deve ser acompanhada de um projeto de conscientização e é pela revolução cultural que esse projeto se daria, sendo um desvelador dos mitos construídos pela classe dominante, como o mito da absolutização da ignorância que nega os saberes das massas populares e também incute na massa o sentimento de que ela não pode ser sujeito da sua própria história e deve ser subserviente dada a sua absoluta ignorância. Esse tipo de pensamento seria um empecilho no processo revolucionário. Para que o povo participe do poder, primeiramente, ele precisa entender que pode fazê-lo. Esse processo de revolução, não é um processo em que o revolucionário conscientiza o povo, mas ambos – liderança e povo- vão se

criticizando. De acordo com o autor, na revolução cultural a revolução utilizando da prática permanente do diálogo entre liderança e indivíduo solidifica a participação do povo no poder.

Para Silveira, o trabalho na saúde mental envolvia um afeto catalisador no processo terapêutico com os pacientes, as forças de curar eram oriundas da alegria e da falta de preconceito. Seu método partia do mundo interno do paciente, e recursos artísticos (principalmente a pintura, desenho e escultura em argila, mas não só) possibilitavam fazer emergir fragmentos do inconsciente que abriam caminho para compreensão da história de vida dos usuários. As imagens eram chaves que abriam para diálogos entre mundo interno e mundo externo. Já Freire entendia o educar como ato de amor que envolvia o ensinar e o aprender vinculado ao diálogo na busca da boniteza e da alegria. O método freiriano partia do mundo externo, por meio das imagens das situações do cotidiano dos educandos, para problematizar a realidade opressora, muitas vezes internalizada, visando desencadear conscientização.

Uma importante referência nas obras de Freire é o pensamento do psicanalista humanista Eric Fromm⁸, como, por exemplo, a categoria amor e consciência necrófila. Para Fromm (1956), amar estava vinculado ao reino social e significa ter uma atitude amorosa que vai além dos laços familiares, mas com todos que temos contato através do trabalho, dos negócios, da profissão. “O princípio que alicerça a sociedade capitalista e princípio do amor são incompatíveis.” (ibidem, p.168) Contudo, a sociedade moderna, é um fenômeno complexo e prenhe de contradições. Cabe àqueles que veem no amor uma resposta para existência humana empenhar em mudanças radicais das estruturas sociais para que o amar deixe de ser marginal e individualista e torne-se um fenômeno social. Nessa perspectiva Freire (1987), defende que os verdadeiros revolucionários concebem a revolução enquanto um ato criador, libertador e de amor. Além disso, ressalta que a educação libertadora se centrava no diálogo como ação amorosa, recurso potente de transformação da sociedade.

⁸ A orientação do autor era uma articulação entre teoria de Freud e Marx; fazia parte da primeira geração da Escola Frankfurt.

Entre Silveira e Freire, existe uma distinção marcante na concepção de mito. Para Freire, a categoria mito corresponde à falsa ideologia propagada no capitalismo. Por sua vez, para Silveira, partindo da psicologia analítica de Jung, o mito está relacionado ao inconsciente coletivo, que tem aspectos universais e históricos da subjetividade. Entretanto, ambos enfatizam a dialética subjetividade e objetividade no entendimento dos sujeitos em suas abordagens, privilegiando a liberdade e realidade (interna e externa). Neste sentido, a opressão é vista como fenômeno estrutural da sociedade capitalista que se internaliza nos sujeitos, por meio de suas experiências de vida.

Notemos essa noção em Freire (1987, p.47): “Sofrem uma dualidade que se instala na ‘interioridade’ do seu ser. Descubrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora.” Acerca dessa reflexão identifica-se que a inspiração teórica advém das obras de Fanon⁹ na análise da colonização dos países africanos que aborda: “O colono e colonizado são velhos conhecidos[...] Foi colono que fez e continua a fazer o colonizado” (FANON,2013, p.52). Observemos, agora em Silveira, sua análise do acompanhamento que revela uma aproximação dessa perspectiva:

Um homem massacrado pela sociedade. Mulato e paupérrimo, desde a infância foi humilhado. Mesmo possuindo inteligência acima da média, isso não ajudava a ser aceito nos círculos sociais [...]. A necessidade de compensação é tão intensa que não permite ultrapassar o nível do tipo de sociedade que o oprimiu durante toda a existência e ainda continua a oprimi-lo no hospital psiquiátrico. (SILVEIRA, 2015, p.201)

Em síntese desse item, é importante destacar que trouxemos breves aspectos sobre similaridades e diferenças entre os autores, que não esgotam todo o fecundo diálogo entre os arcabouços teóricos e práticos de suas elaborações.

2. Nise da Silveira e a liberdade no cuidado em saúde mental

Conforme Melo e Ferreira (2013), o trabalho de Silveira se organizou na clínica por meio da construção de espaço e recursos terapêuticos: relacionais, recreativos, plásticos, dramáticos e culturais; na pesquisa sobre produção criativa e artística dos pacientes do Museu de Imagens do Inconsciente e da Casa

⁹ Psiquiatra e militante marxista martinicano.

das Palmeiras em relação à biografia e aos conteúdos inconscientes; no ensino através de orientações e supervisões clínicas, cursos de atualizações, organização do Centro de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente e do Grupo de Estudos C.G. Jung, além de sua produção escrita.

Nise da Silveira (1986) aponta que o uso dos recursos artísticos tem como objetivo inicial constituírem-se como meio de expressão da problemática interna dos pacientes, em atividades que pudessem de alguma maneira, agir sobre elas. Ressalta-se que “Com Jung, Nise aprendera que a produção das imagens dos esquizofrênicos revelava de maneira privilegiada esses conteúdos arquetípicos, que se confundiam com suas histórias pessoais em múltiplas transformações do ser” (MAGALDI, 2018, p.128). Sua compreensão da psicose, além reconhecer os arquétipos universais do mundo interno do sujeito, agrega em sua análise o mundo externo, as diferentes formas de violências e opressões vivenciadas que fragilizam e contribuem para rupturas da psique. Para a psiquiatra, nós vivemos simultaneamente em dois mundos- o mundo externo e o mundo interno. Vejamos essa questão em sua análise no acompanhamento do paciente:

Fernando falhou em levar a termo a reconstrução de sua psique. E antes da psicose já era um indivíduo profundamente ferido na imagem que fazia de si próprio, sobretudo devido às condições sociais opressoras e às contradições que dilacerara sua infância. Todo o curso de sua vida foi demasiado trágico e os métodos de tratamentos usados no hospital psiquiátrico paradoxalmente massacram cada vez mais essa autoimagem e são implacavelmente hostis aos movimentos de defesa das forças auto curativas que tentam a reconstrução da psique dissociada (SILVEIRA, 1986, s.p).

Conforme Silveira (1986), devido à preocupação com as altas taxas de reinternações dos pacientes, foi feita a proposta de criação de um espaço de conexão entre o hospital e a vida na sociedade para egressos do hospital, que se consolidou na construção da Casa das Palmeiras (1956). A psiquiatra identificava que o egresso fazia um ‘rodopio’ entre hospital- mendicância- prisão, sendo visto socialmente em diferentes momentos da sua vida como louco, vagabundo e marginal. De modo que o problema não era ser doente, mas aqueles responsáveis por cuidá-los. Para Nise, a maioria dos pacientes era vista com total indiferença.

Na Casa das Palmeiras, a psiquiatra visou abarcar os aspectos afetivos e expressivos, por meio de um ambiente que possibilitasse o tratamento pautado

na liberdade, objetivando a reinserção social dos sujeitos egressos do hospital (MELO & FERREIRA, 2013). Em conjunto com mais três colegas (artista plástica, assistente social e psiquiatra), ampliaram as práticas de expressão artística livre e de trabalho, e intensificou as pesquisas aliadas ao aprofundamento nos estudos da psicologia analítica de Jung.

Apesar de Silveira desenvolver um trabalho de singularização no ateliê por meio do acompanhamento de cada paciente, havia um esforço de vincular, a partir da teoria junguiana, o inconsciente coletivo e a realidade vivenciada, numa articulação entre mundo interno-mundo externo:

A psique humana não pode funcionar sem cultura e o indivíduo não é possível sem sociedade. (...) toda análise deve partir do fato primário da natureza social do homem. Do sedimento denso das experiências, imaginações e emoções coletivas é que se destaca vagarosamente o indivíduo único. (SILVEIRA, 2015, p.115).

Em síntese: “mundo externo e mundo interno não se acham separados. Esses dois mundos interpenetram em graus diferentes. Isso ocorre a cada instante da vida cotidiana e torna-se particularmente manifesto nas obras de arte, plásticas e literárias.” (ibidem, p.219).

Sobre o Método da Terapia Ocupacional no uso da expressão plástica, a psiquiatra exemplifica o acompanhamento terapêutico de Fernando Diniz, cuja trajetória de vida era de um menino negro de origem pobre, que morou em cômodos apertados com sua família, e que nas suas pinturas retratava uma *casa onírica* baseada no “interior da casa burguesa” (Silveira, 2015, p.51).

3. Paulo Freire e a liberdade no trabalho pedagógico

O método de Paulo Freire ficou conhecido nacionalmente a partir da experiência de alfabetização de adultos na cidade de Angicos. O trabalho educativo contemplava uma pesquisa levantando as problemáticas do cotidiano comunitário e o vocabulário típico da cultura local. O Círculo de Cultura Popular se organiza por meio de grupos, cuja programação é pactuada por meio de unidades de aprendizado e utiliza ilustrações sobre a realidade cotidiana da comunidade. Sobre a construção da metodologia do círculo de cultura destaca-se que a liberdade:

É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola” autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no

círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor”. (FREIRE, 1967, p.4).

Na pedagogia freiriana, a liberdade é considerada o fundamento de uma prática educativa que só tem possibilidades de se tornar concreta e eficaz enquanto tiver a participação livre e crítica dos educandos. Podemos analisar a liberdade na concepção pedagógica de Freire em vários momentos. O autor fazia críticas pertinentes sobre uma educação antidialógica que não comunica, faz comunicados, que não serve aos oprimidos, mas aos opressores, na medida em que não trabalha nos educandos a criticidade, pelo contrário, visa alienar e formar indivíduos aptos a serem explorados e não se reconhecerem nesta condição, educa para ser massa, para formar homem-objeto e não homem-sujeito. Freire pensa em uma educação libertadora, como possibilidade da passagem da consciência ingênua para consciência crítica:

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos, e sem reflexões críticas os indivíduos não são capazes. (FREIRE, 1987, p.20).

Somente a partir de uma educação crítica e problematizadora os indivíduos se tornam capazes de lutar por condições dignas de vida, já que o oprimido era visto como sujeito ambíguo que hospedava a ideologia do opressor. A conscientização das classes populares amedronta aqueles que se mantêm no poder se alimentando-se da ignorância do povo, de sua condição de homem objeto, facilmente manipulado. Para Freire (1967), a educação da massa é fundamental. Educação que não seja alienada nem alienante e sim uma força de mudança e de libertação. Para realizar essa educação se faz necessário atuar com um método dialógico, como o autor explica:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p.51).

Freire apresenta alguns elementos constitutivos do diálogo, sendo eles: amor, fé, confiança, humildade, esperança e criticidade. De acordo com o autor, sem esses elementos não seria possível uma ação dialógica entre os sujeitos. O amor tem lugar de relevo entre os elementos citados, pois ele é o fundamento do diálogo. Assim como não há diálogo sem amor, não há também diálogo sem a humildade. Não há como dialogar sem que se reconheça no outro a mesma humanidade que enxerga em si, quando se trata o outro com inferioridade, admitindo que o conhecimento é de sua posse enquanto o outro só possui a ignorância. Não existe diálogo quando não se discute opiniões, quando se coloca um saber hegemônico como único e soberano, alegando que os não afortunados não podem opinar, devem somente seguir prescrições dadas por quem afirma deter o conhecimento. Não há diálogo ainda quando se tem medo de toda e qualquer mudança, e afirma que a interferência da classe popular em qualquer aspecto da história levaria ao colapso da sociedade.

Assim como a humildade, a fé é imprescindível ao diálogo, pois é necessário ter fé que o homem é capaz de criar e transformar o mundo. É necessário acreditar que o homem tem potencial transformador, desde que não esteja inserido em uma realidade de alienação. Contudo, quando não se leva em consideração os saberes dos oprimidos e sua capacidade de ter atitudes participativas na luta por uma sociedade mais justa, surgem mesmo que bem-intencionados, os pretensos salvadores dessa classe, que detém a solução para os problemas da massa devendo, portanto, serem seguidos, trabalhando para os oprimidos e não com eles. Suas ações acabam por resultar somente em paternalismo, não tendo espaço para fé e conseqüentemente para o diálogo.

Entende-se que a educação em Freire ultrapassa um método de aprendizagem, ela é uma prática política com potencial transformador da realidade. Portanto, os espaços educativos devem recorrer a ações que construam, junto com os educandos, ferramentas que contribuam para a transformação social.

Freire (1987) defendia a práxis que, “sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação.”, porquanto por fora dela, não há transformação da sociedade. A pedagogia para a liberdade faz-se, sobretudo, através da práxis reflexiva, crítica

e não neutra, que leva à modificação da história humana, em direção à plenitude, longe das amarras da exploração econômica e das opressões do modo de vida capitalista que impõe docilidade e passividade diante dos limites.

A conscientização das opressões é o primeiro passo que fará com que o oprimido se liberte, porque a opressão é o que desumaniza o povo e coisifica as pessoas. Quando olhamos para determinada sociedade, nos deparamos com uma série de características, temas próprios e situações-limites que, se percebidos, permitem aos homens e mulheres uma compreensão crítica da totalidade em que estão, e através dessa compreensão, ensejo pela mudança emancipadora. No ponto vista do autor:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p.20).

Para isso, o educador deve ser alguém que não vê o outro como objeto de sua intervenção, mas alguém que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade, porque o objeto da sua intervenção deve ser a realidade, que é a sua práxis. O educador, através do diálogo e respeito mútuo, deve instigar no educando a criticidade, descortinar as amarras do contexto histórico em que o sujeito está inserido e incitar a inquietação dos sujeitos diante da realidade experimentada. Não há neutralidade na educação, uma vez que a postura do educador ajudará necessariamente na manutenção da ordem capitalista ou no rompimento com ordem capitalista.

Na busca pela libertação, a liderança revolucionária não pode ver a massa oprimida como objeto de sua posse, porque essa é a relação antidialógica das elites dominadoras sobre as massas populares. Impõe-se entre lideranças revolucionárias e oprimidas, educadores e educandos, o diálogo que conscientiza as massas oprimidas para seu papel de sujeitos da transformação. Portanto, “Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?” É nesse sentido que Freire (1987) propõe uma metodologia conscientizadora que, através do diálogo, insere

as pessoas numa forma crítica de pensarem o mundo. O método Freire consiste em três etapas: investigação, tematização e problematização.

Primeiro é feita uma pesquisa de campo, em que o educador dialógico precisa ser um observador simpático que se aproxima do educando e da comunidade para compreender sua realidade. É através da observação dos diversos espaços que ocupam os educandos e das relações que orientam cada espaço que o educador (pesquisador, investigador) consegue apreender temas geradores que se destacam e codificam a realidade dos lugares e modo de vida da comunidade. Depois disso, a equipe de educadores deve então analisar de maneira interdisciplinar as situações e codificações da realidade observada e dos dados coletados. Logo após, começa o círculo de investigação temática, cujo objetivo é confirmar de forma coletiva, através de um novo contato com a comunidade, a importância dos temas geradores. O educador nesta etapa consegue problematizar os temas através do novo diálogo estabelecido, de maneira agora a decodificá-los. Depois da investigação desse universo temático, é feita a redução do tema, isto é, uma seleção de conteúdo para compreender melhor o tema gerador. Dessa forma, a investigação será mais pedagógica quanto mais crítica e dialógica for.

O educando precisa aprender não só a codificar e decodificar as palavras, mas compreender o significado e as implicações de cada uma delas na realidade do seu cotidiano, por isso educar é um ato de amor e de diálogo. O mais importante do método é compreender que o educador, quando devolve o tema para o educando, devolve como problema, não para discursar sobre ele, não como dissertação, mas para ensinar à medida que aprende e aprender à medida que ensina.

4. As contribuições dos métodos no Serviço Social

A influência de Paulo Freire no Serviço Social contribuiu para importantes vetores de criticidade na profissão, em temas como conscientização, opressão, libertação, crítica ao assistencialismo, bem como em novas metodologias interventivas, num diálogo que remonta a década de 1950 e cuja relevância se faz sentir na atualidade (SCHEFFER, 2013). Os diálogos históricos da profissão com ideias freirianas têm sua gênese na Escola de Serviço Social de Recife, nos

anos de 1950. O Serviço Social brasileiro sofreu influência das tendências emancipatórias dos movimentos sociais das décadas de 1950 e 1960, que passaram a impulsionar a construção de trabalhos educativos voltados aos interesses das classes populares. Simultaneamente, surgiu o Movimento de Reconceituação (1965), questionando e criticando o Serviço Social tradicional (caso, grupo e comunidade), que ao longo dos seminários latino-americanos foi transformado e orientado para o enfrentamento das expressões da questão social e do modo de vida capitalista. O Serviço Social se apropriou do método Paulo Freire na inserção da Educação Popular visando conscientização, democratização e participação (OLIVEIRA, 2005). A Educação Popular é um importante legado freiriano na América Latina, que pode ser aproveitado e reinventado pelo Serviço Social brasileiro na atualidade. O diálogo ainda é um recurso potente no processo de troca de conhecimentos que pretende orientar os trabalhadores “a conhecerem seus direitos, para assim tornarem-se seres críticos e politizados.” (Lopes e Leal, 2019, p.2). O método Paulo Freire “pode se tornar uma ferramenta enriquecedora em termos metodológicos para a profissão” e “inclusive se tornar uma ferramenta dinâmica na relação usuário/profissional, de modo a impedir que a profissão perigosamente se resuma ao assistencialismo.” (Aleixo, 2015. p.54).

Em relação ao método da Dr.^a Nise da Silveira, a influência ficou restrita aos profissionais e estágios do campo da Saúde Mental, não conseguindo interferir no debate acadêmico da época. Entretanto, não podemos deixar de reverenciar a famosa dama do samba -Dona Ivone Lara -, que foi uma das primeiras assistentes sociais negras do Brasil, que fazia parte da equipe da psiquiatra na época (SANTOS, 2010, SCHEFFER, 2016). Segundo Santos (2010), Dona Ivone, de forma intuitiva, estava dando início às atividades de musicoterapia. Outro aspecto é a empatia da assistente social com os pacientes institucionalizados, e segundo a autora, que talvez estivesse relacionada à questão de Dona Ivone ter vivenciado de maneira similar a institucionalização no colégio interno, no qual durante dois anos ficou sem sair para visitar a família. Mesmo aposentada, fazia visitas nos dias de atividades musicais, pois “sentia saudades, passava a tarde toda com eles, era uma festa” (LARA, apud SANTOS, p.58).

Para Prates (2016 p. 232), a arte no trabalho profissional pode ser usada em dois sentidos: 1) como análise das expressões dos sujeitos materializadas na arte, portanto como matéria-prima 2) enquanto estratégia pedagógica e de exposição. Ambos constituem, sem dúvida, um potencial alternativo para o trabalho do assistente social. A autora destaca:

[...] precisamos nos valer de todas as estratégias que possam aguçar nossa sensibilidade para desvendar a realidade concreta, ou alongar o olhar; todas as estratégias que possam contribuir para o desenvolvimento de processos sociais, ampliando nossas cadeias de mediação, o que pressupõe o necessário reconhecimento de que, sem a articulação entre razão e sensibilidade, não avançamos em processos que se queiram transformadores.

Ferreira et.al destacam (2016, p.197), que “um dos desafios que se apresentam para os profissionais que intervêm com as expressões da questão social é a criação de estratégias que consigam utilizar a arte de massa para possibilitar avanços na consciência crítica da população.” Ou seja, usar gêneros artísticos, por exemplo, novelas para suscitar reflexões críticas sobre cotidiano, visto que o conteúdo das obras faz parte do dia a dia de grande parte da população usuária. Além dos aspectos da contribuição dos métodos, registra-se uma

[...] cruzada antidemocrática do grande capital, expressa na cultura do neoliberalismo – cruzada entre nós capitaneada por setores político-partidários autointitulados socialdemocratas e, mais recentemente, por setores que outrora se reivindicaram de esquerda -, é uma ameaça real à implementação do projeto profissional do Serviço Social. Do ponto de vista neoliberal, defender e implementar este projeto ético-político é sinal de “atraso”, de “andar na contramão da história”. (NETTO, p.19, 2021).

Neste sentido, entendemos que ambos os métodos contribuem para liberdade, autonomia e democratização do trabalho com sujeitos usuários dos serviços de saúde mental e da educação, podendo desse modo iluminar as práticas profissionais nesses campos sócio-ocupacionais que fortaleçam o projeto ético-político do Serviço Social.

Considerações finais

Nesse cenário de profunda desesperança que assola o Brasil, retomar os legados de Paulo Freire e de Nise da Silveira é um ato de resistência. Acreditamos que os métodos abrem possibilidades de mobilização, organização

e capacitação das classes populares para o exercício de sua cidadania e do poder popular. Nosso desafio então é reinventar esses tempos de distanciamento social, fomentar ações dialógicas de colaboração, união e síntese cultural de enfrentamento à Escola Sem Partido, mascarada como um projeto de imparcialidade ideológica na educação pública, sendo na verdade parte da guerra do conservadorismo contra uma fantasiosa doutrinação esquerdista, como se fosse uma teoria distorcida de Althusser¹⁰, de que a escola está se transformando num aparelho ideológico de um grupo que não detém o poder político hegemônico para tal. São tempos difíceis, onde os ataques à educação não se mantêm num plano ideológico, mas se tornam concretos em formas de decretos, como no caso da aprovação, no dia 11 de março de 2021, da PEC 186 de 2019, que prevê o congelamento do salário dos servidores públicos, entre outras medidas que desfavorecem a classe trabalhadora, tudo isso em troca de um auxílio emergencial, no contexto de pandemia do Covid-19, que não cobre os custos das necessidades básicas das centenas de milhares de famílias brasileiras.

Ainda nesse contexto de ataques a educação em meio à pandemia, parlamentares bolsonaristas, apoiados por parlamentares do Partido Novo, criaram um projeto de Lei que quer tornar a educação em atividade essencial do Estado. Obviamente a educação é essencial para a formação dos indivíduos, possibilitando condições para que os sujeitos sejam protagonistas de suas histórias, porém o conceito de atividades essenciais implica em vários fatores prejudiciais a luta pela educação, limitando o direito de greves e manifestações políticas, o que torna, talvez, esse projeto ainda pior do que o da Escola Sem Partido.

Os ataques do Governo Bolsonaro não param no âmbito da educação, mas se estendem para outras áreas como a da saúde e saúde mental. Suas ações de desmonte do Sistema Único de Saúde têm sido constantes em seu mandato, em plena pandemia do Corona Vírus o Ministério da Saúde preparou, em meio ao recesso do Congresso Nacional, um “revogação” de várias portarias ligadas à política de saúde mental, o que conseqüentemente, coloca em risco o

¹⁰ Para Althusser (1970) a escola é um dos principais aparelhos ideológicos do Estado, contribuindo para a manutenção do poder exercido pela classe dominante no sistema capitalista.

funcionamento do modelo de Atenção Psicossocial substituinte dos manicômios, assim como toda a luta da história da saúde mental no país. Entre as mudanças sugeridas nas portarias estavam: o fim do programa de volta pra casa; fim das equipes de consultório na Rua; fim do serviço Residência Terapêutica; fim do CAPSAD, que presta assistência aos usuários de álcool e outras drogas; assim como a proposta de mudança no processo de trabalho de outros Centros de Atenção Psicossocial, que deixariam de ter o atendimento psiquiátrico, focando somente na reabilitação dos usuários. Finalizamos com as palavras de Freire: “A luta não acaba, se reinventa” e assim vamos nos reinventando também.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.

ALEIXO, A. H. N. **Serviço Social e educação popular: uma análise acerca do perfil pedagógico do assistente social em concordância com a Educação Popular e o Projeto Ético Político do Serviço Social**. Monografia (graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2015.

BARROS, J. D. **Mario Pedrosa e a crítica de arte no Brasil**. ARS (São Paulo), São Paulo, v. 6, n. 11, pág. 40-60, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16785320200800010004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 de dezembro de 2020. <https://doi.org/10.1590/S167853202008000100004>.

_____. CFESS. **Serviço social a caminho do século XXI**: o protagonismo ético-político do conjunto CFESS/CRESS. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 50, 1996.

_____. (Org.). **Assistentes sociais no Brasil**: elementos para o estudo do perfil profissional. Brasília: CFESS, 2005.

_____. **Código de Ética do Assistente Social**. Resolução CFESS n. 273/93, Brasília, 1997.

DRUMMOND, C. **“A Doutora Nise’ In: Casa das Palmeiras**, Disponível em: [Casa das Palmeiras: Carlos Drummond escreve sobre Nise da Silveira](#). Acesso Janeiro, 2021.

ERUNDINA, L. **Depoimento de Erundina sobre a relação Serviço Social & Educação Popular**. [Entrevista concedida]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=igad3kcbODc>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF. 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FROMM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte: ed. Itatiaia. 1956.

LOPES, L. M. M. S e LEAL, RayssaBrenna Gomes. **O SERVIÇO SOCIAL FRENTE ÀS EXPERIÊNCIAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: a contribuição da Educação Popular na atuação dos Assistentes Sociais**. IX Jornada Internacional de políticas públicas. Maranhão, 2019.

MAGALDI, F. **A metamorfose de Adelina Gomes: gênero e sexualidade na psicologia analítica de Nise da Silveira**. *Sex., Salud Soc.* (Rio J.) [online]. 2018, n.30, pp.119-140. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.30.06.a>. Acesso em: 15/11/2020.

MELO, W. e FERREIRA, A. P. **Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira**. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [conectados]. 2013, vol.16, n.4, pp.555-569. ISSN 1415-4714. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400005>. Acesso em: 15/11/2020.

NETTO, J.P. **A construção do projeto ético-político do Serviço Social**. In: *Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional*. Disponível: [Microsoft Word - ABEPSS_Coletanea Jose Paulo Netto.doc \(ssrede.pro.br\)](#). Acesso: 07 de Abril, 2021.

PALUDO, C. **Educação popular como resistência e emancipação humana**. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio/agosto. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-96-00219.pdf>>. Acesso em: 15/11/2020.

SANTOS, K. **Ivone Lara: a dona da melodia**. Rio de Janeiro: Garamond-Fundação Biblioteca Nacional, 2010 BARROS, José D'Assunção.

SILVEIRA, N. **“Imagens do Inconsciente”**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2019.

_____. Entrevista: Nise da Silveira - Posfácio: *Imagens do Inconsciente* Documentário de Leon Hirszman, 1986 - 2014 Entrevista feita em 15 e 19 de abril de 1986.

SCHEFFER, G. **Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional**. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 127, pág. 476-495, dezembro de 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

66282016000300476&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 de dezembro de 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.081>.

_____ **Pedaços do Tempo:** legado de Paulo Freire no Serviço Social.
Revista Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 12, n. 1, p. 292-311,
jan./jun.20132013. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/14152>. Acesso
em 01 de março de 2021.